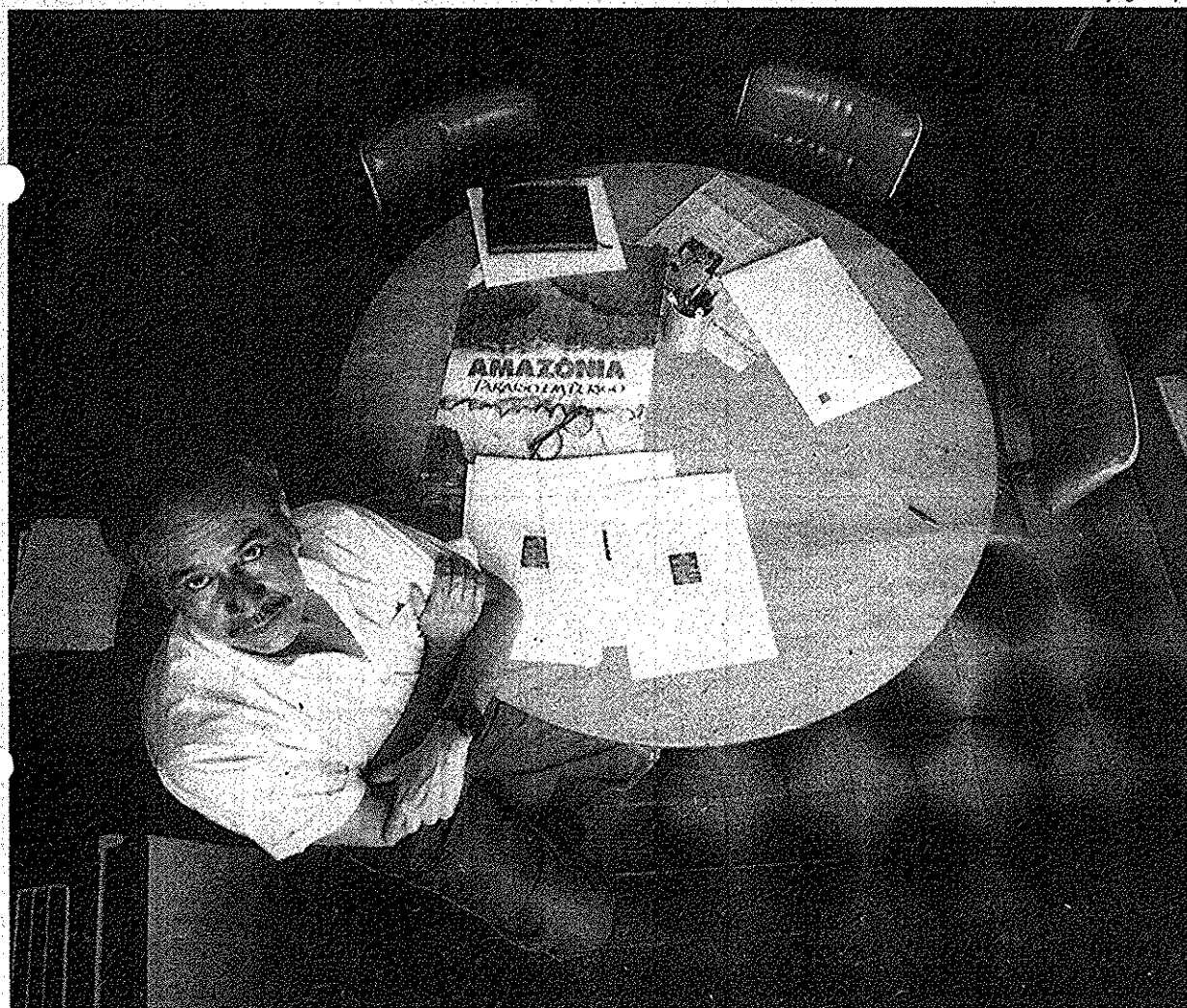


'Verdes' vendem Amazônia nos EUA

Fundação brasileira anuncia lotes e diz que quer ganhar dinheiro 'sem machucar a floresta'



Jorge Araújo

Paulo Baes, vice-presidente da Amazonas Forever Green, posa na sede da fundação em SP

DANIÉLA CHIARETTI

Da Reportagem Local

Deu no "New York Times". Uma fundação brasileira de nome inglês, a Amazonas Forever Green, publicou anúncio buscando parceiros interessados em adquirir grandes trechos da Amazônia.

Ela se diz conservacionista e dona de 260 mil acres na região —o equivalente a 104 mil hectares (1.040 km², mais de 5.500 Maracanãs). Quer sócios para lotes de 12.500 a 500.000 acres, colados aos dela. Para atraí-los, divulga que a transação pode ser deduzida do Imposto de Renda.

O anúncio foi publicado no dia 5 de janeiro e repetido em outras duas ocasiões, diz Paulo Garces Baes, diretor vice-presidente da entidade. Foi reproduzido no "Washington Post" e no "The Wall Street Journal", três dos mais célebres jornais dos Estados Unidos. A investida, segundo ele, custou US\$ 2.600.

A entidade tem um projeto ambicioso: desenvolver, de forma sustentável, o pedaço do sul do Estado do Amazonas que lhe pertence. O problema é que a fundação é desconhecida dos principais órgãos ambientais no Brasil.

"Somos uma entidade nova", justifica Baes. O registro da Amazonas Forever Green é de agosto de 1991. Nesses seis meses, nenhum de seus dirigentes procurou o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). "Não valia a pena. Vou procurar o Ibama quando tiver os projetos prontos." A estratégia da fundação, explica, é voltada para fora do país. Nestes dias, o diretor-presidente da entidade, Ivollim Mantovani, está nos EUA "justamente cuidando disso". Baes não diz com quem foram feitos os contatos. "Acho precoce divulgar".

"Estamos procurando grupos com dinheiro para fazermos projetos grandes. Estamos nos concentrando onde está o dinheiro: nas Nações Unidas, no Congresso americano, nas grandes fundações dos EUA e da Europa", diz Baes.

O anonimato da entidade no Brasil existe na própria sede da fundação, na zona sul de São Paulo. Na fachada estão escritos os nomes dos dentistas que dividem com a fundação o sobrado de três andares. Lá dentro, a impressão que se tem é de estar em uma agência de despachante —jamais numa entidade ecológica que diz ser dona de terras avaliadas em cerca de US\$ 120 milhões. "Nunca tivemos a preocupação de

causar impressão com a fundação", explica Baes.

"Nós nos propusemos a ser o elo de ligação entre os que têm dinheiro para bons projetos e os que têm bons projetos e não têm dinheiro", diz. A fundação procurou o Núcleo de Análise Interdisciplinar de Políticas Estratégicas (Naippe), da Universidade de São Paulo, para o desenvolvimento de um projeto para a própria entidade.

"A nossa idéia é desenvolver um estudo na área para vermos o potencial econômico da região e a viabilidade de um projeto de desenvolvimento sustentável", diz Braz José de Araújo, diretor-executivo do Naippe. No estudo inicial, o Naippe analisará as perspectivas de aproveitamento econômico de borracha, babaçu, castanha, plantas medicinais e piscicultura da região. "Nosso objetivo não é ganhar dinheiro de qualquer maneira", diz Baes. "Queremos ganhar dinheiro para o povo da região, mas sem machucar a floresta".

As terras da fundação estão localizadas no município de Canutama, uma área denominada Seringal Novo Destino que pertencia à empresa Amazonacre —Agropecuária Indústria e Comércio Representações Amazonas Acre Ltda., de Rio Branco, cujo sócio-gerente é o latifundiário Falb Saraiva de Farias, um dos fundadores da entidade.

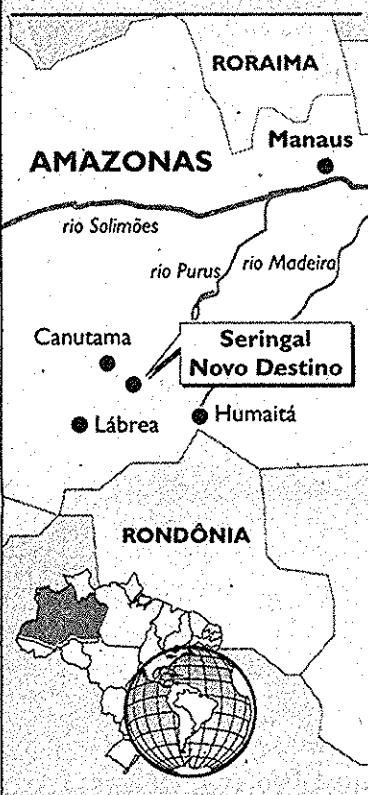
Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), Farias possui 404.000 hectares na área do seringal. Pela escritura pública de doação e instituição da fundação, lavrada em Canutama, Farias ficou com 50 mil hectares da área e os doou à fundação. Vendeu outros 54 mil hectares a quatro fundadores da entidade, que também doaram as terras à entidade. Falb ficou, ainda, com 300 mil hectares.

Os fundadores do Amazonas Forever Green são latifundiários, pecuaristas, grandes agricultores ou comerciantes. "Se ficassemos só como um grupo de empresários com um projeto de desenvolvimento sustentável não conseguiríamos expandir o projeto, nem recursos de fora", diz Baes. "Uma fundação dá certeza de seriedade ao projeto."

A entidade contratou uma das maiores empresas de auditoria do mundo, a Deloitte Ross Tohmatsu, para prestar-lhe serviço. A curadoria de fundações do Ministério Público autorizou o registro da Amazonas Forever Green.

ONDE FICA

Área Canutama (AM) tem 104 mil hectares



THE NEW YORK TIMES, SUNDAY, JANUARY 5, 1992

INVESTMENT PROPERTIES (697)

AL \$30,000/MO PROFIT
AU Place For Sale, Montana
Est. \$12 Million in Res./Start 3/92
Collect #2. \$125K Cash. 407-626-8895

AMAZON
Established Brazilian Foundation
conserving Amazon rain forest, seeks
interested parties to purchase large
tracts of virgin forest in the Amazon
(12,500-500,000 acre parcels) contiguous
to 250,000 acres already owned by
Foundation, partnerships offered.
Purchases & for donations may be
eligible for U.S. tax deductions.
Information from: Amazonas Forever
Green, 55-11-286-8892.

GRAMERCY PARK HOTEL
21 St. & Lexington Ave.
Monthly Rooms Available
Fine neighborhood. Complete hotel &
motel service, excel restaurant &
cocktail lounge. Room service, piano
bar, music nightly, doorman.
1-RM. PVT BTH. SERVING PANTRY.
FROM \$1500/MO.
2-RMS. LR. BR. PVT BTH SERVING
PANTRY. FROM \$2400/MO.
Monthly hotel room applications ac-
cepted. CALL JACK VARTABEDIAN
212-475-4320/800-221-4083

Three, Four & Five Rms. 1503
30'S E FLEXIBLE LEASE
Spacious, sunny, 1 BR. Tastefully furn. TV,
micro, D/W, Drm. Has ev' thing. Corp
lease OK. \$1300. No fee. 212-228-9190

39TH & 5TH
2 BR. 2 bth. like new, drmn. \$3400. Sun

Fac-símile de um anúncio publicado no "New York Times"

Fundação é desconhecida

Da Reportagem Local

O que surpreende na atitude dos empresários que criaram a Fundação Amazonas Forever Green é que eles querem fazer o que está na cabeça dos órgãos ambientais do governo e de muitos ambientalistas: um projeto de desenvolvimento sustentável na Amazônia. Só que não se interessaram em espalhar a notícia no Brasil.

"Nunca ouvimos falar", diz Marco Aurélio Rodrigues Veloso, chefe de gabinete do Ibama. "No Ibama não há registro de tal fundação". No Incra, o nome da fundação não aparece no cadastro. "Se ela possui alguma coisa no Amazonas, tem que se cadastrar", diz Eduardo Henrique Freire, diretor de cadastros do Incra. Ele afirma, no entanto, que se o preenchimento da declaração de propriedade foi recente, ainda não está no cadastro.

A Amazonas Forever Green também não fez nenhum contato oficial com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), diz Marcel Viergever, oficial de programas.

No Fórum Global, entidade que organiza a participação da sociedade em eventos paralelos à Eco

92, a fundação tem uma reserva para organizar um seminário sobre desenvolvimento sustentável na Amazônia.

"Nós não escolheríamos o caminho de procurar parceiros no exterior antes de termos um bom projeto", diz João Paulo Capobianco, diretor da SOS Mata Atlântica.

O aval dado pelo Ministério Público, explica Carlos Francisco Bandeira Lins, 45, curador de fundações, quer dizer que nos estatutos da entidade não há nada fora da legalidade. "Só se poderá comprovar se a prática da fundação corresponderá a seus estatutos após algum tempo."

No Conselho Nacional dos Seringueiros, em Rio Branco, no Acre, a fundação é desconhecida assim como membros de seu conselho e diretoria. "A fundação não é conhecida porque é nova", diz Meryl Zeidenberg, mulher do diretor presidente, Ivollim Mantovani. Meryl é professora da Escola Graduada, instituição de ensino de São Paulo frequentada principalmente por crianças norte-americanas ou ligadas aos EUA. "Somos pessoas normais e achamos que a nossa é uma idéia que vai dar certo", diz Meryl.

Grupo é formado por pecuaristas

Da Reportagem Local

Dois grupos criaram a Amazonas Forever Green, segundo seu vice-presidente, Paulo Baes: "Os pecuaristas e os idealistas." Ele não identifica os "idealistas". "São colaboradores que ajudaram a montar a fundação mas não têm interesse em aparecer." Traça um perfil dos pecuaristas.

Falb Saraiva de Farias, 56. Acreano. Sócio da Amazonacre-Agropecuária Indústria e Comércio Representações Amazonas Acre Ltda., dona das terras que deram origem à entidade. Tem minas de caucário. Tem pecuária no AM, AC, MT e MS. No Incra, aparece como dono do Seringal Palmal, com 365.000 hectares. Em Canutama e em Boca do Acre tem mais 320.000 hectares.

Ivollim Mantovani, 45, fazendeiro nascido em Ponta Porã (MS). É o diretor-presidente da fundação. Tem terras na beira do Pantanal matogrossense. Tem uma imobiliária em São Paulo.

Paulo Garces Baes, 50, advogado gaúcho. Foi funcionário do Banco do Brasil. Trabalhava com trigo e soja no RS. Mora há um ano em São Paulo. Vive do arrendamento das terras no MT.